

APARENTE CONTRASSENÇO

FECOMERCIO-SP ANALISA QUEDA DE CHEQUES DEVOLVIDOS E CRESCIMENTO DA INADIMPLÊNCIA

Há que se tomar certos cuidados na análise e interpretação da inadimplência, sob o risco de desinformar os consumidores e empresários. A inadimplência deve ser calculada de forma total, em volumes, e não de forma picada por carteiras específicas. Além disso, o número de ocorrências de inadimplência não representa exatamente o risco financeiro efetivo, pois não leva em conta uma ponderação adequada de cada um dos eventos.

Ocorrem dois fenômenos que parecem antagônicos, mas na realidade não são: o número absoluto de cheques devolvidos caiu em 2012 (acumulado e na margem) mas a proporção da inadimplência subiu. Isso se explica pelo fato de que o número absoluto de cheques emitidos caiu ainda mais.

A FecomercioSP já havia, em algumas oportunidades, alertado para essa probabilidade, por motivos óbvios:

1. O acesso a meios eletrônicos de pagamentos cresceu muito;
2. Houve a redução da emissão de cheques no País;
3. Em média os emissores de cheque que não aderiram aos meios eletrônicos tendem a ser aqueles que ou detêm renda muito baixa e não são completamente "bancarizados" ou, pior, quem está deliberadamente pensando em não pagar uma eventual aquisição.

A piora média da classificação de risco dos que optam por pagamento com cheques já havia sido antevista pela FecomercioSP.



pág. **02**

CONJUNTURA

O IBGE mostra que o Produto Interno Bruto cresceu abaixo do potencial

pág. **03**

MERCADO

O spread bancário prejudica empresas, apesar da queda da Selic

pág. **04**

FINANÇAS

Cenário econômico dificulta investimento no País



PIB CRESCE ABAIXO DO POTENCIAL NO 1º TRIMESTRE

APESAR DISSO, A FECOMERCIO-SP CONTINUA ACREDITANDO QUE O PAÍS CRESCERÁ CERCA DE 3% NESTE ANO

Os números do IBGE mostram que o PIB cresceu abaixo do potencial no primeiro trimestre de 2012, tornando as perspectivas ainda mais frágeis para o restante do ano. Houve alta de 0,2% na comparação com o último trimestre de 2011 e avanço de 0,8% contra igual período do ano anterior. No acumulado dos quatro trimestres terminados no primeiro trimestre deste ano, o PIB registrou crescimento de 1,9% em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

O nível de investimento continua fraco – houve queda de 2,1% na formação bruta de capital fixo em um ano e de 1,8% na comparação trimestral –, influenciado pela queda de produção interna de máquinas e equipamentos. Apesar da redução das taxas de juros e do esforço do governo para melhorar o crédito, os custos de expansão ainda são muito elevados no País considerando os insumos, salários, problemas com infraestrutura e impostos.

O prolongamento da crise na Europa e o enfraquecimento da demanda mundial, associados a um cenário de condições ainda restritas no mercado de crédito – tanto pelo lado da demanda (via elevado endividamento das famílias) quanto pelo lado da oferta (por conta do avanço da inadimplência) – influenciam negativamente o resultado do PIB.

No entanto, a indústria já começa a mostrar alguma recuperação, diferentemente dos números apresentados pela produção industrial, o que sugere que pode contribuir para que a economia ganhe ímpeto a partir do segundo semestre. A FecomercioSP continua acreditando que o PIB crescerá cerca de 3% neste ano, ancorado, principalmente, pelo consumo das famílias (alta de 2,5% no 1º trimestre sobre igual período de 2011). As medidas de incentivos que o governo vem adotando, bem como a injeção do 13º salário e as vendas de Natal, tendem a surtir bons resultados.

Reiteramos, porém, a necessidade de uma política de estímulo global e não pontual da economia. O governo precisa começar a pensar em criar condições para que a economia cresça de forma sustentável, reduzir a carga tributária, flexibilizar as leis trabalhistas, solucionar os gargalos de infraestrutura e, lógico, melhorar – e muito – sua eficiência.



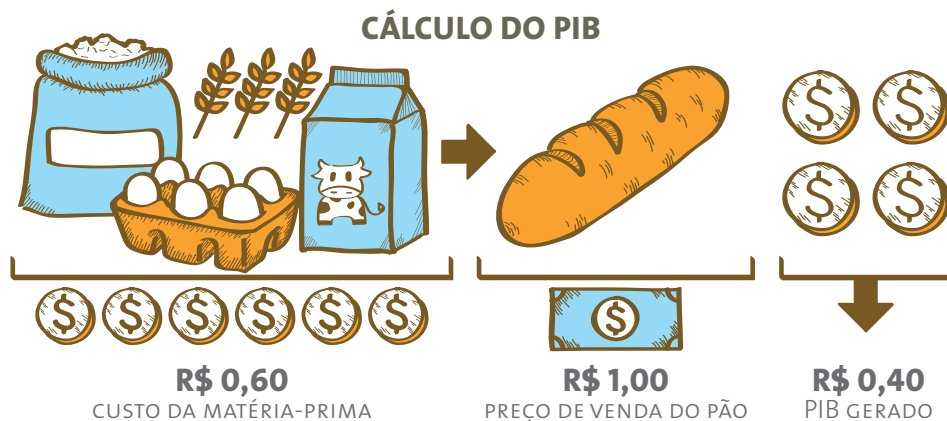
ENTENDA O PIB

É a soma de mercado de todos os bens e serviços finais produzidos em um país em dado período de tempo. É composto por três setores: primário (agropecuária), secundário (indústria) e terciário (serviços) e medido sob três óticas (produção, renda e demanda).

De forma resumida, pela ótica da produção, é o quanto vale os bens e serviços finais produzidos em um ano. Funciona, na prática, como a soma dos valores adicionados, ou seja, o que cada etapa agrega de valor ao produto. Pela ótica da ren-

da, soma-se a remuneração do trabalho (salários), do capital financeiro (juros), dos bens (aluguel), capital empresarial (lucro) e tributos. Por fim, pode se medir o PIB pela ótica da demanda. Nesse caso, soma-se a demanda agregada mais o consumo das famílias, investimentos (despesa para aumentar capacidade de produção), gastos do governo e exportações menos importações.

Na prática, o cálculo não é nada simples e o governo precisa excluir dessa conta a matéria-prima usada em cada setor da cadeia produtiva.



SPREAD BANCÁRIO NO BRASIL É EXAGERADO

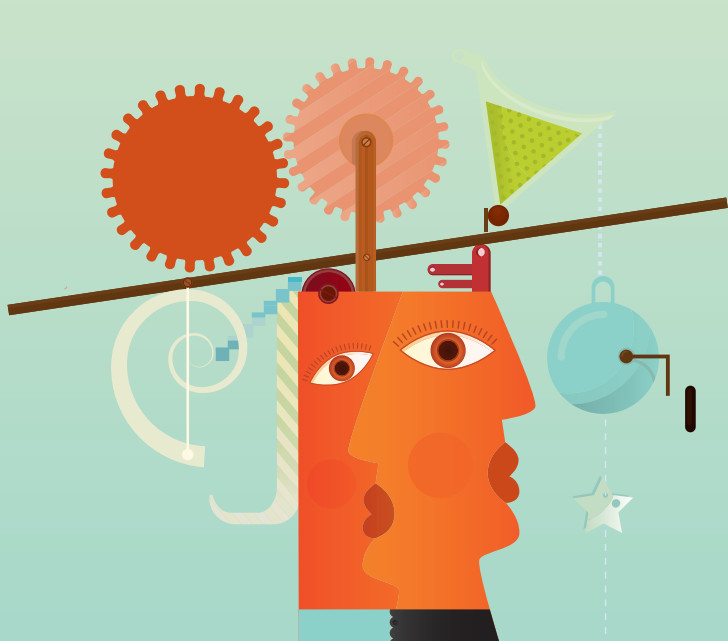
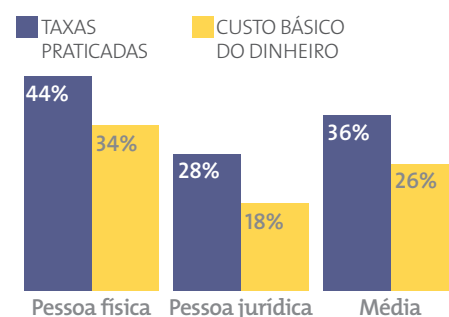
EMPRESAS, SOBRETUDO AS DE MENOR PORTE, AINDA PAGAM ALTOS JUROS

Ainda na virada de 2011 para 2012 a taxa de juros estava acima de 10% e em termos reais superando os 4%, e com viés de alta por conta da trajetória de inflação cadente. Essas taxas já seriam elevadas relativamente às taxas praticadas no resto do mundo, mas, quando a comparação se dá com taxas praticadas para o consumidor (pessoas físicas e jurídicas) os valores estudados são ainda muito maiores.

Do lado das empresas, quantos negócios podem ser feitos com retorno esperado de 28%? Da mesma forma que os consumido-

res, as empresas somente vão buscar capital ao preço médio de 28% para cobrir emergências – basicamente capital de giro, que inclusive custa mais caro do que os 28% de juros médios acima explícitos. Dessa maneira as empresas podem se alavancar pouco. Diante de tais condições, consumidores e empresas que não se financiam, que não se bastam dentro de seus orçamentos e suas receitas/caixa, ou pagam caro por empréstimos, ou devem se contentar com o baixo nível de consumo presente.

JUROS PRATICADOS



3º PRÊMIO
FECOMERCIO
de sustentabilidade

TUTU

O MUNDO PRECISA
DE NOVAS IDEIAS.
VOCÊ TEM ALGUMA?



FECOMERCIO SP
Representa muito para você.

FUNDAÇÃO DOM CABRAL

FDC CDSV

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO
DA SUSTENTABILIDADE NO VAREJO

Para mudar hábitos e impactar a sociedade, a economia e o meio ambiente de maneira positiva, precisamos colocar novas ideias em prática. Se você pensa dessa maneira, participe do 3º Prêmio Fecomercio de Sustentabilidade, que vai destacar práticas e projetos realmente inovadores.

Inscrições abertas. Para mais informações, acesse: www.fecomercio.com.br/sustentabilidade

INVESTIR NO PAÍS ESTÁ CADA VEZ MAIS DIFÍCIL

DIFICULDADES MACROECONÔMICAS COMEÇAM A MIGRAR PARA O AMBIENTE FAMILIAR

Se já era consenso que investidores do setor produtivo, como pessoas jurídicas, encontravam dificuldades além do razoável para exercer suas funções no Brasil, agora também está se tornando cada vez mais difícil encontrar uma boa opção de investimento para as pessoas físicas. Ou seja, as dificuldades macroeconômicas que contaminaram o ambiente de negócios no País começaram a migrar para o ambiente familiar.

Era natural e esperado que com a queda de juros (benéfica para o setor produtivo e para o País, diga-se) as opções óbvias iriam ficar cada vez menos evidentes. Não requer muita habilidade decidir qual é a melhor aplicação quando os títulos públicos pagam 10%, 12% ou 15% acima da inflação como ocorreu até recentemente no Brasil. Neste momento, com a Selic em 8,5% e com o CDI rendendo liquidamente algo entre 6% e 7% ao ano (a depender da aplicação), o rendimento acima da inflação projetada é de 1% a 2%. Esse cenário começa a exigir um pouco mais de estudo dos investidores.

Do lado da indústria de fundos, a criatividade terá que aparecer. O aspecto mais positivo é que essa queda de juros, além de proporcionar um ambiente melhor para o investimento produtivo e consumo, abre caminho para que os produtos financeiros,

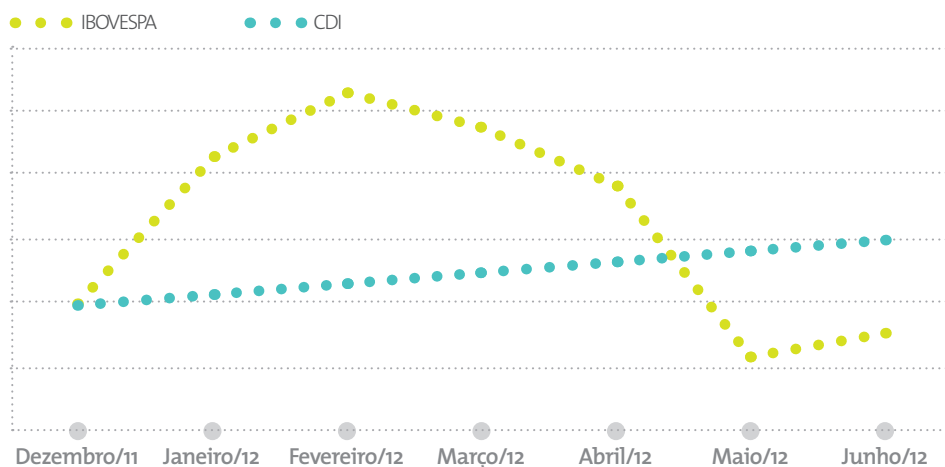
que eram marginalizados ou mal vistos, passem a compor de fato o pacote de opções dos aplicadores. Em tese as aplicações em ações (Bolsa de Valores) passam também a ser mais atraentes, mas isso é verdade em um ambiente econômico mais estável do que o atual. Apesar da queda de juros básicos, a opção pelo mercado acionário não ficou evidente. Até mesmo porque o retorno das aplicações em ações não tem sido muito positivo, salvo aplicações muito pontuais que, por sua vez, são muito arriscadas também. Segue um quadro comparativo das aplicações em CDI e Ibovespa (*o resultado do semestre inclui estimativas para o mês de junho):

VARIAÇÃO NO MÊS (%)		
	IBOVESPA	CDI
janeiro/12	11,1	0,9
fevereiro/12	4,3	0,7
março/12	-2,0	0,8
abril/12	-4,2	0,7
maio/12	-11,9	0,7
* junho/12	1,9	0,7
1º semestre	-2,2	4,4

É possível observar que o rendimento acumulado no semestre ainda privilegia aplicações em renda fixa, porém de forma cadente. A tendência é que fique ainda menos estimulante daqui para frente. No caso do Ibovespa, o primeiro trimestre foi excepcional, mas a crise europeia (e internacional) que não tem prazo certo para acabar vai manter esse mercado sob suspeita.

Pode ocorrer nos próximos meses uma forte movimentação dos bancos para oferecer produtos novos (alguns são chamados de sintéticos) aos seus clientes. Uma das carteiras que promete ser uma boa opção são os títulos vinculados ao mercado imobiliário, onde o aplicador tem rendimentos referentes aos aluguéis e ainda concorre ao ganho da eventual valorização das cotas que acompanha o referido mercado. A vantagem desses títulos é que o investidor pode comprar apenas uma fração de muitos imóveis, diversificando a aplicação de uma maneira que não seria possível se fizesse por meio da aquisição efetiva de uma casa ou escritório para locação. Além disso, não precisa se preocupar com a administração de inquilinos, problemas estruturais e outros fatores. Isso tudo fica a cargo dos administradores dos fundos imobiliários. Além dessa opção, certamente a criatividade dos mercados vai aflorar e novas surpresas aparecerão. E serão dissecadas nas próximas edições do Economix.

ÍNDICE ACUMULADO NO ANO



ECONOMIX **FECOMERCIO SP**
Representa muito para você.

PRÉSIDENTE: ABRAM SZAJMAN
DIRETOR EXECUTIVO: ANTONIO CARLOS BORGES
COLABORAÇÃO: ASSESSORIA TÉCNICA
COORDENAÇÃO EDITORIAL E PRODUÇÃO:
FISCHER2 INDÚSTRIA CRIATIVA
EDITOR CHEFE: JANDER RAMON
EDITORA EXECUTIVA: SELMA PANAZZO
PROJETO GRÁFICO E ARTE: TUTU

FALE COM A GENTE: ECONOMIX@FECOMERCIO.COM.BR
RUA DR. PLÍNIO BARRETO, 285 - BELA VISTA - 01313-020
SÃO PAULO - SP - WWW.FECOMERCIO.COM.BR